

## **PROJETO DE PESQUISA**

**TÍTULO:** Processos de ocupação territorial e de definição de fronteiras: contato cultural no Mediterrâneo grego (sécs. IX –III a.C.)

**RESPONSÁVEL:** Maria Beatriz Borba Florenzano

**PERÍODO:** 1 de agosto de 2018 a 30 de julho de 2020 (24 meses)

**RESUMO:** Este projeto de pesquisa pretende caracterizar processos de ocupação territorial e de definição de fronteiras no Mediterrâneo grego entre os séculos IX e III a.C., partindo de estudos setoriais na Sicília, na Península Itálica e em Creta. O nosso foco será dirigido mais precisamente para o relacionamento entre os diferentes grupos de helenos e entre estes e populações não gregas. Nossa contribuição partirá de alguns estudos de caso no Ocidente grego (Itália do Sul e Sicília) e em Creta, no Mediterrâneo oriental.

Com este estudo pretende-se trazer uma contribuição à compreensão do papel desempenhado pelo contato cultural e pelo compartilhamento de traços culturais diversificados na formação da sociedade grega e na configuração de identidades no Mediterrâneo. Em última instância, pretende-se oferecer uma reflexão aprofundada sobre a natureza da sociedade grega em contexto mediterrânico, por um lado, compartimentada territorialmente em pequenos estados –as pólis- e, por outro, imbricada intensamente em relações múltiplas construídas em comum com as populações mediterrânicas.

Deve-se ainda mencionar que os estudos realizados no Labeca contaram com o apoio de dois projetos temáticos da Fapesp que permitiram a manutenção do Laboratório em um patamar de referência nacional para estudos de arqueologia clássica. (Processos **04/14429-0** e **09/58543-1** - Consulte-se em documento anexo ao SAGE planilha com todos as pesquisas concluídas e em andamento no Labeca)

### **EQUIPE PRINCIPAL**

Maria Beatriz Borba Florenzano (Pesquisadora Principal MAE-USP)

Elaine Farias Veloso Hirata (Pesquisadora associada MAE-USP)

Maria Cristina Nicolau Kormikiari (Pesquisadora associada MAE-USP)

Camila Diogo de Souza (Pesquisadora associada UNIFESP e MAE-USP)

## **Equipe de apoio em pesquisa e em assuntos técnicos<sup>1</sup> (Labeca/MAE/USP)**

Leonardo Fuduli (Pós-doc/ MAE/ Fapesp)

Daniela Puccini (Pós-doc/ MAE/ Fapesp)

Eleftheria Pappa (Pós-doc/ MAE/ Fapesp)

Guilherme Moerbeck (Pós-doc/ MAE/ CNPq)

Marcia Cristina Lacerda Ribeiro (UESB/Pós-doc/ MAE)

Adriene Baron Tacla (UFF/Pós-doc/ MAE)

Viviana Lo Monaco (DO/ MAE/ Fapesp)

Rodrigo Bechelli (DO/FEI-SP/CAPES)

Juliana da Hora (DO/ MAE/ Fapesp)

Felipe Perissato (ME/MAE/Fapesp)

Rodrigo Lima (ME/MAE/CNPq)

Caroline Oliveira (ME/MAE/CNPq)

Beatriz Kirzner (IC/MAE/PUB-USP)

Aline Porfirio Neves (IC/Pibic/MAE/USP)

Ivan Vasconcelos Greco (IC/MAE/PUB-USP)

Andressa Simões (IC/MAE/PUB-USP)

### **I. Objetivos: apresentação do tema**

Nos anos que vimos trabalhando no Labeca (*Laboratório de Estudos sobre a cidade antiga*- MAE/USP) a valorização do documento arqueológico permitiu-nos perceber o seu potencial no processo de caracterização da cidade grega antiga. Vale dizer que o estudo sistemático da distribuição dos vestígios arqueológicos na configuração da hinterlândia grega (tema de nosso projeto anterior – cf [www.labeca.mae.usp.br](http://www.labeca.mae.usp.br) ) permitiu-nos ultrapassar uma definição restrita de pólis centralizada no núcleo urbano e no seu território imediato. Com efeito, desde o início dos estudos no Labeca, adotamos

a afirmação do arqueólogo inglês A. Snodgrass de que o termo pólis denota, em senso estrito, uma unidade política que consiste de um assentamento e seu território, unidos politicamente

---

<sup>1</sup> A equipe do Labeca tem atuação no Laboratório não apenas por meio de suas pesquisas individuais mas também em apoio ao funcionamento do laboratório: atualização e manutenção do banco de dados, da biblioteca e do site. Por outro lado, essa é a equipe que encorpa os debates durante os seminários internos.

um com outro e independente de outras unidade políticas” (1986: 47). Neste sentido, aceitamos que a *khóra* em uma pólis era parte estruturante da sociedade e que dependeria do conhecimento das formas de sua ocupação e uso a nossa compreensão da natureza mesma da cidade grega antiga. (vide o projeto anterior em [www.labeca.mae.usp.br](http://www.labeca.mae.usp.br))

Ora, o aprofundamento de nossos estudos sobre a hinterlândia grega –sobretudo nas áreas periféricas do mundo helênico a Ocidente e a Oriente- vem permitindo-nos desenhar uma hipótese de que não apenas a *khóra* era estruturante da sociedade como serviu de cadinho para relações culturais múltiplas que trouxeram uma contribuição indispensável à configuração da própria identidade grega, do que hoje conhecemos pelo nome de helenismo ou helenidade.

Nesse sentido, entendemos que o “modo de ser grego” irradiado a partir da Grécia balcânica e egeia, incluía a necessidade fundante da posse de territórios, independentemente das necessidades básicas de sobrevivência, e incluía também uma competitividade entre os próprios gregos pelo domínio de territórios; traço não identificado, por exemplo, entre as populações indígenas<sup>2</sup> da Península Itálica ou da Sicília. Estas funcionavam com concepções diferentes de espaço. (Florenzano, 2017) Pensamos que justamente este “modo de ser grego” levou a partir do séc. VIII a.C. a um movimento de expansão pelo Mediterrâneo que promoveu uma série de instalações de assentamentos litorâneos que imediatamente passaram a procurar um maior domínio territorial, em direção às respectivas hinterlândias. Nessa busca, entraram em contato tanto com as populações não gregas instaladas previamente nestas localidades quanto com outros gregos igualmente assentados e igualmente procurando novas bases territoriais. Entre conflitos e negociações, essas sociedades vão se organizando e dando forma a um mundo novo. (Florenzano, 2009; 2016; 2017) Esta movimentação de gregos, neste período no Mediterrâneo faz parte dos processos de criação e consolidação da estrutura organizacional representada pela pólis. Processos que incluíram tanto este assim chamado Ocidente grego quanto a Grécia Balcânica e a região do Egeu. Também aqui, o compartilhamento de traços culturais teve uma grande importância na formação da própria helenidade. (Morris, 1998)

---

<sup>2</sup> É sempre necessário explicar que as populações não gregas de áreas que entraram em contato com os gregos no Mediterrâneo são chamadas há décadas, impropriamente, pela bibliografia especializada de indígenas. Não entramos aqui em detalhes sobre os caminhos da adoção desta terminologia, mas, no diálogo com a produção científica especializada, não há como não a empregar. Mesmo assim, tentamos usar a expressão “não gregos”, na medida do possível.

Ressalte-se igualmente a relevância da continuidade de contatos entre os helenos da parte oriental do Mediterrâneo e suas respectivas fundações a Ocidente, criando-se um imbricamento múltiplo entre tradições, costumes, formas organizacionais da sociedade, formas políticas e assim por diante. A ocupação de territórios e a definição de fronteiras constituem elemento fundamental neste processo.

Com base nesses indicadores que surgiram no decorrer dos estudos por nós realizados no âmbito do Labeca, a nossa intenção é, agora com este novo projeto, proceder a estudos de caso mais abrangentes que permitam identificar redes específicas de contato que ultrapassem os limites estritos da cidade urbanizada grega e que venham dar subsídios a uma melhor compreensão da natureza mesma da sociedade grega. Nosso ponto de partida / nossa hipótese / é que a trama criada pelas relações no Mediterrâneo e, por força, o contato entre os parceiros nestas relações teve um papel fundamental na configuração da sociedade grega. Tema que no qual a arqueologia se movimenta com agilidade/ na medida em que a variedade e a mistura de traços de origens diferentes presentes no documento material podem transformar-se em indicadores preciosos do relacionamento entre grupos humanos diversificados. Por outro lado, a dispersão e a circulação de artefatos de origens conhecidas por grandes regiões – e aqui pensamos no Mediterrâneo antigo – também oferecem indicadores valiosos na identificação de áreas de influência e de absorção de traços culturais estruturantes de uma sociedade. Lembre-se que dispersão e circulação de artefatos foi e continua sendo objeto dos trabalhos arqueológicos desde a própria criação da disciplina no final do século XIX.

Como se sabe, e é bem documentado arqueologicamente, a mobilidade de grupos humanos no Mediterrâneo é bem anterior aos anos 700 a.C., entretanto, é neste século que grupos de gregos, de origens diversificadas, provenientes do Egeu, da Grécia oriental ou dos Bálcãs, começaram a fundar instalações permanentes sobretudo ao sul da Península Itálica e na Sicília em um processo que desemboca na configuração da pólis.<sup>3</sup> Este processo de expansão, provocou uma série de transformações sociais, culturais, políticas, econômicas que tiveram reflexos em todo o ambiente mediterrânico. O contato entre grupos diferentes provocado por

---

<sup>3</sup> Não entraremos aqui na discussão que corre há muito tempo sobre as “causas” desta movimentação: necessidade de terras agriculturáveis; necessidade de matérias primas; espírito aventureiro dos gregos; explosão demográfica; solução de problemas políticos. (cf. Florenzano, 2017)

esta mobilidade é o que nos interessa nesta proposta de pesquisa, pressupondo que este contato cultural, nas várias formas que assumiu, tenha sido apropriado pelos gregos como um elemento criativo e próprio do dinamismo helênico. (Florenzano, 2017)

## II. Justificativa e estado da arte

O contato cultural é um tema que tem um interesse especial nos dias que vivemos em que a tecnologia nos coloca em relação direta / imediata com sociedades completamente diferentes da nossa. Noção que já vem orientando a reflexão historiográfica há algumas décadas e que nos leva a tentar compreender os critérios e os efeitos do relacionamento entre grupos humanos.<sup>4</sup>

Com relação à Grécia antiga, lembre-se que sua história, tal como estudada tradicionalmente, começa justamente com a mobilidade de grupos invasores variados vindos da Europa central, grupos que, naturalmente, ao instalar-se nos Bálcãs promoveram uma série de contatos culturais. Muitos estudos de distribuição de vasilhames de cerâmica identificaram a inserção destes grupos, sobretudo a partir dos séculos X e IX, em redes de contatos intensos voltados principalmente para o Oriente. (Coldstream, 1997; Popham 1994; Lemos, 2001; Boardman, 1999) Nestes casos, o interesse maior das pesquisas foi sempre o de identificar redes comerciais, transferência de tecnologias e áreas de influências culturais. Mas, o avanço do conhecimento sobre o contato cultural como elemento verdadeiramente estruturador e transformador da sociedade helênica, parece-nos, ter tido um impulso fundamental no âmbito dos estudos de especialistas que se debruçaram sobre a expansão de gregos a Ocidente do Mediterrâneo. Com efeito, sempre foi impossível de se estudar a helenidade nesta área sem se levar em conta as populações locais com as quais os gregos interagem: desde púnicos e etruscos até sículos, elímios, samnitas, celtíberos e tantos outros.<sup>5</sup> Nesta área de estudos, o primeiro

---

<sup>4</sup> Não há espaço aqui para explorar em profundidade esta questão do mundo contemporâneo. Atualmente participamos de projeto PRONEX coordenado por Jorge Luiz Ferreira da Universidade Federal Fluminense cujo título é "História (trans)nacional: perspectivas e conexões". Nossa participação ocorre justamente no GT 'Migrações e diásporas'. Este projeto já tem o Termo de Outorga assinado em 2017 e deve entrar em desenvolvimento a partir de março de 2018.

<sup>5</sup> Não ignoramos a incidência de estudos bem aprofundados sobre o contato entre gregos e indígenas desde o alto arcaísmo na região do Mar Negro. Entretanto, a barreira da língua tem impedido o acesso aos estudiosos do ocidente a estas pesquisas. Barreira que tem sido vencida aos poucos como fica claro, por exemplo, na publicação dos volumes periódicos de *Ancient East and West*, editados pela Brill sob a coordenação de G.R. Tsetschladze

tratamento mais sistemático e aprofundado da questão do contato cultural ficou registrado no famoso encontro de Cortona de 1981 e publicado em 1983 com o nome de *Modes de Contacts et Processus de transformation dans les sociétés Anciennes*. Neste volume, inúmeros estudos de caso elaborados por historiadores e por arqueólogos, tanto sobre o Ocidente grego como também sobre a antiguidade do Mediterrâneo Oriental, abrangeram temas candentes como “aculturação” ou como o conceito de “bárbaro” ou ainda questões de alteridade e de identidade. Todos estes temas foram tratados nestas *Atas* com detalhe e na medida em que a documentação textual e arqueológica permitia à época. Também questões sobre os procedimentos e instrumentos de contato e sobre o papel do contato cultural na mudança e na transformação das sociedades antigas foram debatidos, criando um mundo de exemplos e de ideias importantes para o prosseguimento das pesquisas. Independentemente dessa sistematização elaborada durante o evento de Cortona, no caso da Arqueologia da Itália do Sul, desde o início da década de 1960, o *Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia di Taranto* promove encontros anuais em que novos dados arqueológicos e suas respectivas interpretações são apresentados e debatidos e em seguida publicados sob a forma de *Atas*. Também nestes volumes, por vezes, o tema do contato vem trabalhado, na medida em que o documento material registra, seja por suas características específicas, seja por seu contexto de achado, relações entre gregos e entre estes e indígenas. Da mesma forma questões de método são avançadas nestes estudos que colocam as concepções teóricas diante dos dados empíricos, abrindo caminhos interpretativos importantes. No contexto de nosso projeto merecem destaque as *Atas* do 37º e do 54º *Encontros*, sobre *Fronteiras* e sobre *Hibridização e dinâmicas culturais* respectivamente (1996 e 2014) Mais recentemente, um encontro do programa europeu Ramses sobre contato cultural produziu as *Atas* que resumem as pesquisas realizadas entre 2006 e 2008. Editadas pelo arqueólogo francês Henri Tréziny *Greco et indigènes de la Catalogne à la mer Noire* em 2010, esta obra traz inúmeras reflexões sobre o contato entre as populações que habitavam o Mediterrâneo antigo que nos auxiliam a melhor compreender a essência da formação cultural nesta região, na Antiguidade.

Passados mais de trinta anos do Colóquio de Cortona, a documentação arqueológica cresceu de modo exponencial, da mesma forma que o debate teórico sobre a mobilidade grega

no Mediterrâneo (e conseqüentemente as formas de contato) ganhou contornos novos, acompanhando o desenvolvimento da Historiografia sobre a Antiguidade. O debate teórico sobre a Antiguidade (grega, romana, mediterrânica, clássica, etc.) de fato foi de tal forma aprofundado, que uma onda de revisionismo se instalou derrubando ideias já tradicionalmente aceitas sobre ‘colonização grega’, expansionismo grego e helenização das sociedades mediterrânicas (Donnelan, 2016; Greco, 2005). Revisionismo muitas vezes fundado em teorias distantes da empiria, das fontes primárias, textuais ou materiais. (idem, ibidem) Nossa postura é de cautela, não queremos jogar o bebê fora, junto com a água do banho. Nossa proposta é não desprezar o conhecimento acumulado sobre a antiguidade grega e sobre a movimentação dos gregos pelo Mediterrâneo entre os séculos VIII e V a.C. mas, junto com esse conhecimento, mobilizar o documento arqueológico de modo a trazer à luz aspectos da antiguidade que não interessaram necessariamente aos pesquisadores do passado.<sup>6</sup> E este é um ponto crucial: atualmente, saímos dos estudos sobre a Grécia antiga fundados nas várias histórias individualizadas de cidades/pólis, para uma história da Grécia fundada nas relações entre pólis e entre estas e as populações de não gregos.

No contexto das pesquisas desenvolvidas no Labeca pensamos aprofundar os estudos sobre o contato cultural entre gregos e entre gregos e não gregos partindo das conclusões que já atingimos por meio das análises de ocupação / dominação territorial. (cf [www.labeca.mae.usp.br](http://www.labeca.mae.usp.br)) Este novo projeto que propõe um cronograma de 24 meses funda-se em quatro estudos de caso apresentados a seguir em item específico.

### **III. Estudos de Caso**

#### **Estudo de caso 1: A Calábria antiga: Processos de ocupação territorial das pólis de Lócris e Régio (Maria Beatriz Borba Florenzano)**

---

<sup>6</sup> Registro aqui –e muito brevemente- que é uma tendência contemporânea da Arqueologia clássica a retomada de dados de escavações sistemáticas, porém monográficas (sobre um único sítio, por exemplo) realizadas desde o século XIX de sorte a promover estudos mais abrangentes sobre a helenidade. Com efeito, museus e reservas técnicas seja na Grécia, seja na Turquia, seja na Itália encontram-se abarrotadas de documentação que foi publicada em catálogos, mas que estudos compreensivos de contexto histórico ficaram por serem feitos. Da mesma forma existem nas bibliotecas um sem fim de relatórios de escavação com conclusões limitadas ou que atendiam uma demanda datada. A mobilização dessa massa documental para atender as demandas nossas, do mundo atual, é uma tendência atual da Arqueologia que praticamos. Assim, problemas como identidade, contato, hibridismo, conectividade, são temas que vem sendo explorados atualmente mobilizando-se documentação já publicada anteriormente.

Partindo da instalação de duas “colônias” gregas –Lócris e Régio – fundadas em meados do século VIII a primeira e início do VII a.C. a segunda, na região hoje denominada de Calábria e que era já ocupada por populações sículas que haviam descido do norte da Península em período anterior, pretendemos caracterizar os processos de ocupação territorial e de definição de fronteiras destas duas pólis, dirigindo o nosso foco para o relacionamento com as populações não gregas ali já instaladas em precedência. Com este estudo pretende-se trazer uma contribuição à compreensão do contato cultural entre populações gregas e outras populações mediterrânicas no arcaísmo. Nossa hipótese inclui uma perspectiva de questionamento direto da noção de aculturação, ou melhor de helenização dos grupos não gregos, e passa a valorizar a contribuição desses mesmos grupos na configuração do que podemos chamar de identidade helênica. Não será possível deixar de lado, em um estudo como este, a competição entre estas duas pólis em seu movimento de expansão territorial nas respectivas hinterlândias e entre elas e as outras pólis gregas vizinhas: Zancle, Crotona e Caulônia. Nossa intenção é a de, por meio de uma análise sistemática da documentação arqueológica disponível (sobretudo distribuição de artefatos e dispersão de vestígios arquitetônicos na paisagem), reavaliar a narrativa já existente sobre o movimento, iniciado no século VIII a.C., de “colonização grega” e consequente helenização do Ocidente Mediterrânico; narrativa criada, sobretudo, a partir das fontes textuais clássicas.

Régio, foi fundada por Calcis, pólis da Eubéia, no estreito entre a Península Itálica e a Sicília em meados do século VIII a.C. (Tuc. 6.44.3). Faz par com a fundação, um pouco anterior, também por calcídicos, de Zancle, do outro lado do estreito.<sup>7</sup> É bem estudada a intenção dos calcídicos –navegadores e comerciantes eubeus desde antes do movimento de expansão grega no Mediterrâneo- de controlar essa passagem estratégica do estreito que ligava o Mar Jônio ao Mar Tirreno e por onde passavam rotas comerciais que vinham da Europa do Norte e da Etrúria. (Vallet, 1958) Muitas vezes, Régio vem analisada apenas nesta sua relação com o mar e no contexto comercial, político, cultural da Sicília e do tráfico ‘internacional’. A sua situação geográfica é um ponto de apoio a estas aproximações que entendem a cidade voltada ‘para fora’: além de ser litorânea, sua hinterlândia mais plana é estreita e logo encontra as montanhas

---

<sup>7</sup> São controversos os relatos sobre a fundação de Zancle e sobre quais gregos participaram, mas aceita-se participação proeminente de calcídicos. Cf. Hansen, 2004, p. 233-234.



escarpadas da cadeia do Aspromonte. Assim, não poucos historiadores e arqueólogos tenderam a dar menos importância a achados na hinterlândia, valorizando mais a posição de porto estratégico da cidade. (Greco, 1981, p.72) Achados mais recentes em combinação com fontes textuais, no entanto, tem mostrado uma Régio interessada em expansão no interior, e no domínio de pontos litorâneos do lado do Mar Tirreno. (Cordiano, 2014) De acordo com Costamagna, os dados arqueológicos permitem afirmar que “a submissão da população e o controle dos gregos das áreas cultiváveis ao longo do estreito tenha ocorrido em poucos anos depois da fundação da apoikia.” (Em Gras, Greco e Guzzo, 2000, p. 225) A partir de dados arqueológicos é também possível perceber o interesse dos calcídicos de Régio na manutenção de postos avançados mais ao norte que lhes desse acesso aos recursos silvo-pastoris do Aspromonte, nestes casos, a negociação com os sículos era indispensável. Nesta sua expansão interiorana, Régio foi levada a embates com a pólis de Lócris, situada no litoral jônio da Calábria, a qual também competia por territórios.

Locris foi fundada nas primeiras décadas do século VII a.C. por gregos lócrios, vindos da Península Balcânica (Hansen 2004, p. 274). A cidade ficava situada no litoral jônio da Calábria, ao norte do Rio Halex o qual, se supõe hoje, marcava o limite sul do domínio lócrio em relação a Régio. (Greco, 1981) Ao norte, seus limites com a pólis grega de Caulônia era marcado pelo rio Sagra. (Hansen, 2004, p. 274). Sobre Lócris, interessa ao nosso tema, destacar que a memória sobre a sua fundação, registrada pelos textos antigos (Estrabão, Políbio e Polieno), guarda episódios de aliança e de traição de aliança com os sículos. Por outro lado, a cerâmica sícula do século VIII a.C. recuperada em escavações na área que posteriormente seria ocupada pela apoikia de Lócris, é testemunha da síntese de traços estilísticos gregos e locais. (Mercuri, 2004, p. 124; Guzzo, 2011, p. 268) Aproximações e distanciamentos que apontam para um contato e interação entre gregos e não gregos. Tal como Régio, Lócris procurou a expansão territorial em direção à hinterlândia. Uma ou duas gerações depois de instalada na costa do Jônio, Medma e Hiponio foram fundadas por lócrios na costa do Tirreno (Hansen, 2004, p. 278-9 e 261-263). Os lócrios também passam a influenciar o centro sículo de Metauros, onde a arqueologia comprova a substituição da influência calcídica de Régio por aquela de Lócris no século VI.

Com relação a estas duas pólis pretendemos caracterizar sistematicamente os processos de ocupação territorial e de definição de fronteiras, dirigindo o nosso foco para o relacionamento

com as populações não gregas ali já instaladas em precedência. A nossa perspectiva de questionamento direto da noção de aculturação, ou melhor de helenização dos grupos não gregos, e a valorização da contribuição desses mesmos grupos na configuração do que podemos chamar de identidade helênica deverá ser um ponto fundamental a ser focalizado. No movimento de ir e vir das negociações com estes grupos não gregos, pensamos também poder detectar não só a competição entre estas duas pólis por maior domínio territorial mas entre elas e outras pólis gregas vizinhas como Zancle, Crotona e Caulônia. Também entendemos que poderemos identificar nestes processos de contato prolongado os termos de mudança cultural e a criação de identidades novas. (Oliveira, 1998)

Assim sendo, o primeiro ponto a considerar nesta pesquisa será promover uma sistematização dos dados focalizando a dispersão de vestígios arqueológicos na hinterlândia das regiões: dispersão cerâmica mas, sobretudo, vestígios de estradas, fazendolas, de instrumentos agrícolas (sobretudo prensas de uva e oliva), pequenos ou grandes santuários, enterramentos e/ou necrópoles e restos de construção. Em um levantamento preliminar no material publicado, e em museus locais, conseguimos identificar dados interessantes que, pensamos, podem jogar luz sobre a ocupação territorial de uma e de outra pólis. Cf [www.labeca.mae.usp.br](http://www.labeca.mae.usp.br) para consultar este projeto completo).

## **Estudo de caso 2: Contextos funerários e a questão do contato em sítios da Sicília antiga (Elaine F.V. Hirata)**

A mobilidade<sup>8</sup> dos gregos de época arcaica pelo Mediterrâneo e pelo Mar Negro é um tópico recorrente entre arqueólogos e historiadores desde há muito tempo, mas nas últimas décadas o foco mais específico das pesquisas tem sido o contato entre os helenos e os habitantes das áreas por eles ocupadas. Ao questionarem a perspectiva unidirecional da *helenização* os estudiosos das migrações de época arcaica vêm problematizando as fontes documentais – textos e artefatos – e as teorias interpretativas no afã de construir um caminho novo que lhes permita analisar e interpretar os processos de contato em toda a variabilidade e complexidade que os resultados das investigações vem apontando.

---

<sup>8</sup> O periódico *World Archaeology* dedicou um volume, *Mobility & Migration*, ao tema: vol 46 (4), 2014.

A nossa proposta tem por objetivo observar, na documentação material recuperada em contextos funerários da Sicília central e sul-oriental de época arcaica, a presença de artefatos ou a evidência de práticas mortuárias que indiquem processos de contato entre as populações sículas e os helenos.

O espaço funerário – seja a sepultura ou a necrópole – vem sendo caracterizado como a “arena social da morte” (Hoffmann e Attula, 2017, p. 249) e os dados materiais coletados nestes contextos podem fornecer indicadores para o estudo de questões identitárias ao nível do indivíduo ou do grupo, em espaço e tempo específico, além de tratar dos problemas que tradicionalmente tem abordado como as diferenças sociais e de gênero, por exemplo.

No caso das fundações gregas arcaicas (sécs. VIII –VI) na Sicília temos um estudo de caso bastante rico: a situação das novas cidades poderá ser comparada com a área de origem dos fundadores, com as cidades vizinhas que vão sendo instaladas e com os assentamentos das populações locais. Evidentemente não dispomos de dados arqueológicos completos sobre cada um destes contextos mas mesmo assim algumas hipóteses poderão ser apresentadas a partir das publicações que se vem multiplicando nas últimas décadas juntamente com as escavações.

Nos anos 1980 a grande obra organizada e editada por Gabba e Vallet, **La Sicilia Antica**, apresentava um panorama amplo dos resultados da pesquisa arqueológica nas cidades gregas e não-gregas da Sicília e, no que tange às práticas mortuárias, Paola Pelagatti e Georges Vallet apresentavam uma síntese do conhecimento disponível sobre o tema naquele momento (Pelagatti e Vallet, 1980). Passados mais de trinta anos, nosso objetivo é apresentar um quadro atualizado das pesquisas, centrando a análise nos achados de artefatos em necrópoles e questionando o sentido da seleção de *coisas* materiais feita pelos vivos para o acompanhamento do morto. O nosso recorte espacial abrange sítios da área centro-oriental da Sicília: de início, selecionamos Morgantina, Siracusa, Leontinos, Mégara Hibleia e Naxos. Gela, localizada na costa sul da Sicília poderá compor este conjunto como exemplo de uma fundação mista de ródios e cretenses.

Nosso embasamento teórico apoia-se na “antropologia do consumo”, perspectiva desenvolvida por Michael Dietler (1999; 2005) em seus estudos sobre a presença e o significado de artefatos estrangeiros em comunidades do sul da França na Idade do Ferro. Para Dietler, a seleção de objetos estrangeiros por um grupo e a sua posterior ressignificação são elementos

fundamentais no processo de contato e compreender as razões das escolhas e as adequações de sentido realizadas pelos *consumidores* podem indicar caminhos para o conhecimento da dinâmica social. Acredito que na questão da formação e transformação das identidades em uma área *colonial* a aplicação das ideias de Dietler poderia apresentar resultados interessantes.

Justin St. P. Walsh (2013) ao estudar a parafernália doméstica de Morgantina no século V a.C., por exemplo, utilizou alguns dos princípios teóricos de Dietler para analisar as escolhas dos habitantes desta cidade quanto aos produtos importados, especialmente a cerâmica de verniz negro ateniense. Os resultados deste trabalho sugerem que a agência do “consumidor” ao escolher certo tipo de vasilha e rejeitar outro está presente no registro arqueológico quando este pode ser analisado em um espectro cronológico mais amplo – um século, por exemplo – contemplando as mudanças e adequações.

Assim, nos propomos a experimentar o uso de ideias advindas da “antropologia do consumo” no exame dos acompanhamentos funerários presentes nas necrópoles da Sicília arcaica, como um vetor na análise do significado das escolhas dos vivos, que selecionam, do conjunto da cultura material, alguns tipos de artefatos, para representar a si e ao morto diante da comunidade. Poderíamos investigar a questão identitária a partir destas escolhas?

### **Estudo de caso 3: Cozzo Scavo, Sicília central, presença púnica em uma área limítrofe (Maria Cristina Nicolau Kormikiari)**

Este estudo de caso tem por objetivo a pesquisa sobre o contato cultural em uma localidade específica da Sicília Central – Cozzo Scavo- durante o século III a.C. Esta localidade foi ocupada a partir do final do século V a.C. aparentemente por gregos e sículos. No século III a.C. de acordo com fontes materiais e textuais, é atestada a entrada político-econômica de Cartago na Sicília, em um processo de intrincadas alianças com gregos e elímios, mas também de inúmeros enfrentamentos bélicos, os quais culminarão, em meados do século na primeira das três Guerras Púnicas, contra os romanos (Kormikiari, 1995). Escavações arqueológicas preliminares em Cozzo Scavo apontaram a junção de estruturas arquitetônicas com características construtivas sículas, com uma cultura material, notadamente cerâmica (vasos utilitários domésticos e ânforas), de características púnicas (Fariselli, 1997b, p. 9).

No caso deste assentamento, Fariselli acredita que estaríamos diante de uma cultura “mista” (idem, p. 10). Percepção esta que se encaixa nas releituras pós-coloniais (a partir da obra de E. Said, 1978), dos processos coloniais do Mediterrâneo Antigo (Van Dommelen, 2012; Voskos e Knapp, 2008; entre outros), nas quais trabalha-se com a ideia de indígenas e descendentes de colonos criando novas comunidades, “híbridas” (cf. Bhabha, 1994).

Nesse sentido, a cultura material produzida em situações coloniais passa a ser estudada enquanto um construto híbrido destes contextos em particular. Novos sentidos e novos discursos são anexados a traços culturais de grupos recém-chegados a um novo contexto e o mesmo ocorre com as populações atingidas pelas ondas dessas movimentações populacionais. Assim, temos que a cultura material é ativamente construída por grupos de pessoas de origens diferentes interagindo. (Van Dommelen, 2002, pp.140-2)

Por outro lado, um novo olhar sobre o colonizador também se faz necessário, pois seja individualmente, seja enquanto grupos sociais e identitários específicos, estes sofrem as consequências do contato. Neste sentido, muito se tem escrito sobre a importância do estudo contextual, nos quais interesses locais, regionais e extra-regionais podem ser abordados e jogar luz aos dados materiais.

#### **Estudo de caso 4: A materialidade do espaço dos mortos em Creta na Idade do Ferro (séculos X ao VIII a.C.): expressões de identidade, variabilidade e contato cultural (Camila Diogo de Souza)**

A presente pesquisa tem como objetivo discutir aspectos e parâmetros da organização e da construção do espaço funerário em sítios da Idade do Ferro na ilha de Creta. A partir de evidências arqueológicas recentemente descobertas, a investigação comparativa e detalhada dos aspectos materiais resultantes das práticas mortuárias permite entender melhor a configuração social e cultural das comunidades e das regiões na ilha, sobretudo, durante o contexto histórico do processo de formação e origens da pólis, isto é, durante o VIII a.C.

Durante muito tempo considerada como um mundo isolado, unitário e oposto em relação à Grécia continental, Creta durante a Idade do Ferro, período que compreende aproximadamente entre 1150 a 700 a.C., apresenta uma grande variabilidade nas práticas funerárias marcada fundamentalmente pelo contato e pelas “influências” de sítios continentais.

Para analisar e entender essa variabilidade mortuária enquanto expressão da materialidade do contato e como formas de adaptação e emaranhamento cultural, visamos reunir, organizar, catalogar e comparar os dados de contextos funerários de alguns estudos de caso da Creta centro-ocidental (Knossos, Prinias, Kounavoi, Gortyn, Praisos, Phaistos e Eleftherna) e da Creta oriental (Dreros, Pyrgos, Zakro, Gournia, Palaikastro, Vrokastro e Azoria / Kavousi) que alcançaram o estatuto de pólis.

Investigações recentes na ilha, principalmente por meio de *surveys*, têm trazido à luz uma grande quantidade de material cerâmico e de natureza funerária em geral com aspectos bastante diversificados que revelam uma complexidade intra-regional, com a formação de grupos locais, muito maior do que a separação binária original (Eaby, 2007; Boileau *et al.*, 2010). Entretanto, ainda é possível observar áreas regionais com adoção de práticas funerárias semelhantes e predominantes. Além disso, a grande diversidade de práticas funerárias nas áreas central e oriental demonstram contatos intercontinentais, envolvendo rupturas, continuidades, adaptações e emaranhamento de costumes mortuários.

Tais dados indicam, portanto, a necessidade de realizar estudos comparativos dos dados continentais com os insulares, verificando interações culturais que resultam em comunidades com aspectos socioculturais bastante peculiares e ao mesmo tempo diversificados. (cf [www.labeca.mae.usp.br](http://www.labeca.mae.usp.br) para consultar o projeto completo)

#### **IV. Fundamentação Científica e Metodologia**

Podemos dizer que há algumas palavras chave / conceitos que animam ou informam esse debate teórico atual, no interior do qual – por força- se insere nossa proposta de pesquisa: mobilidade, contato, identidade, etnicidade, hibridismo, emaranhamento (*entanglement*), consumo, helenização, helenidade, mediterraneismo, mediterraneização, redes (*networks*), *middle-ground*, interação entre entidades políticas pares (*peer polity interaction – PPI*) conectividade, colonização, diásporas, migração, territorialização.<sup>9</sup> São todos conceitos que vimos discutindo e testando em nosso Laboratório, mas reconhecemos que a sua aplicabilidade

---

<sup>9</sup> Inviável no contexto deste projeto mencionar toda a bibliografia que informa este debate teórico. Remeto a uma discussão bastante aprofundada na “Introdução” de Aberson *et alii*, 2016 e às obras de D’Ercole, 2012; Bouffier, 2012 e Tréziny, 2010.

a realidades empíricas precisas como propomos nos quatro estudos de caso inseridos neste projeto, não é destituída de dificuldades. Se, por um lado, a competitividade entre cidades gregas (via *ppi*) explica a ânsia por expansão territorial mesmo sem um motor econômico definido (comercial ou agrícola) (Florenzano, 2017), o espaço de negociação, escolha, e transmissão de traços culturais de toda sorte - entre gregos e entre estes e não gregos- é complicado de sistematizar. Entendemos que, por exemplo a identificação de redes tal como proposta por Malkin (2004; 2012; 2016 em Aberson *et alii*) e a compreensão de espaços de contato como *middle ground* (Malkin, 2012 e Ulf, 2009) podem servir como pontos de partida. Mas temos consciência que a introdução de outros conceitos, dependendo do andamento da pesquisa empírica, se fará necessária.

Assim, por exemplo, mesmo que possamos ter dificuldade na aplicação do conceito de ‘territorialização’, entendemos que a reflexão sobre este conceito possa trazer uma contribuição ‘nossa’, brasileira, à reflexão sobre o contato cultural no Mediterrâneo antigo. De acordo com J. P. Oliveira (2009) a territorialização vem a ser a

‘intervenção na esfera política que associa de forma prescritiva e inflexível, um conjunto de indivíduos e grupos a limites geográficos bem determinados’ .... Já o processo de territorialização implica ‘em movimento pelo qual um objeto político-administrativo transforma-se em uma comunidade organizada, formulando uma identidade própria, instituindo mecanismos de tomada de decisão e de representação e reestruturando as suas formas culturais’. (1998, p. 5)

Naturalmente, neste caso, o dado essencial é a dominação política e religiosa portuguesa que, como uma teia, se estendeu por sobre o território ocupado previamente pelos índios. Mas, também aqui, espaços de negociação e de combinação de traços culturais foram abertos. (*Idem, ibidem*) No caso da expansão grega no Mediterrâneo, já não se aceita –como no passado- que a chegada dos gregos ao Ocidente, por exemplo, implicara na dominação *tout court* e na extensão da jurisdição política sobre territórios não gregos. Levando este ponto em consideração, a discussão sobre os mecanismos de contato entre portugueses e índios no Brasil, orientada pela ‘territorialização’ pode, eventualmente, nos auxiliar a compreender a mistura de traços que ocorre no contato entre gregos e indígenas no Ocidente mediterrâneo. (Estudos de caso 1 e 2) Da mesma forma, entende-se que em muitos casos a interação entre púnicos/fenícios e gregos

no Mediterrâneo teria promovido a criação de contextos culturais totalmente novos em processos de hibridismo acentuado (Estudo de caso 3). Por outro lado, pretendemos igualmente abordar como a configuração da polis como estrutura definidora da sociedade grega em muito deveu a todos estes contatos e emaranhamentos entre os próprios helenos como proposto no Estudo de caso 4.

No contexto do contato cultural que informa este projeto de pesquisa alguns pontos de interesse sobre a questão das formas assumidas pela interação entre gregos e entre estes e os não gregos, seja no Ocidente mediterrânico, seja em áreas da Grécia do Leste merecem uma atenção maior e podem elucidar os caminhos teóricos e metodológicos que pretendemos seguir. Pontos estes definidos a partir dos estudos e dos debates realizados nos últimos anos no Labeca, que levaram em conta dados de escavação e bibliografia especializada.

O primeiro ponto diz respeito à documentação funerária. Como é sabido, as necrópoles são objeto privilegiados no contexto da pesquisa arqueológica de qualquer área e de qualquer época e desde os primórdios da nossa disciplina. No caso da Grécia antiga, os dados advindos de enterramentos, desde os vestígios dos corpos até o formato das sepulturas e os mobiliários funerários foram sempre elementos fundamentais para o conhecimento da sociedade grega em todos os seus aspectos. A forma assumida pelo contato cultural, de modo geral, pode igualmente e com vantagens ser reconstituída a partir deste tipo de vestígios. O espaço funerário – seja a sepultura ou a necrópole – vem sendo caracterizado como a “arena social da morte” (Hoffmann e Attula, 2017, p. 249) e os dados materiais coletados nestes contextos poderiam fornecer indicadores para o estudo de questões identitárias ao nível do indivíduo ou do grupo, em espaço e tempo específico, além de tratar dos problemas que tradicionalmente tem abordado como por exemplo as diferenças sociais e de gênero. (Estudos de caso 2 e 4) Assim, a documentação material recuperada em contextos funerários da Sicília central e sul-oriental de época arcaica pode ser estudada à luz dos processos de contato entre as populações sículas e os helenos conforme se detecte a presença de artefatos que evidenciem práticas funerárias específicas. (Estudo de caso 2) Não podemos deixar de enfatizar também que um mesmo grupo fundador poderia ser constituído por contingentes de indivíduos culturalmente diversos como foi o caso de Gela, estabelecida por ródios e cretenses, e que portanto poderiam trazer práticas sociais



diferenciadas. Por outro lado, estas mesmas evidências podem ser valorizadas na identificação da complexidade intra-regional por meio da adoção de práticas funerárias semelhantes e predominantes e aos mesmo tempo entendidas como respostas locais aos diferentes tipos de contato, dinâmicos no tempo e no espaço. (Hodos, 2006) E, como dito acima, uma área com grande diversidade de práticas funerárias muitas vezes pode demonstrar contatos intercontinentais, envolvendo rupturas, continuidades, adaptações e emaranhamento de costumes mortuários. Tal pode ser o caso da construção dos espaços mortuários em Creta na comparação com a Argólida no Peloponeso; evidências que podem estar relacionadas à reorganização de espaços vinculada ao próprio aparecimento da polis. (Estudo de caso 4).

Outra questão a ser destacada diz respeito à necessidade de se ter em mente que quando falamos em gregos e não gregos não estamos diante de dois grupos homogêneos e bem caracterizados: de um lado, são várias as tradições entendidas como helênicas vinculadas a localidades diferentes como Creta, Eubéia, Ásia Menor, Balcãs, etc. ou a grupos identitários como por exemplo dórios e aqueus, para mencionar apenas os mais referidos nas fontes e na bibliografia. É preciso também considerar que, no século VIII, a Grécia balcânica e a Grécia das ilhas cicládicas e da Ásia Menor passavam por um processo de organização social e política pós desestruturação do mundo palacial (minóico e micênico) e em que o ‘mundo helênico das pólis’ não estava consolidado, ao contrário estava em formação. Do lado dos não gregos, no sul da Itália, por exemplo, os grupos indígenas eram numerosos: sículos na Calábria, mas um pouquinho mais ao norte, os enótrios e ópices, mais a leste os messápios, iapígios, daunios, peceutios; mais para o interior os samnitas, oscos, sabélicos e outros grupos que circulavam por toda a Itália meridional são ainda muito mencionados pelos textos antigos como os ausonios, os chones, os morgetes, os ítalos, os lucânios, os brécios. Já na Sicília, sículos, sicânios, elímios, púnicos (fenícios; cartagineses) são os grupos indígenas mais referidos pelas fontes textuais antigas. Os testemunhos arqueológicos, mostram aproximações entre os traços culturais destes grupos conforme a época, mas as diferenças são também consistentes.

No tratamento do contato cultural e da definição de fronteiras culturais e/ou físicas não se pode ignorar que na Grécia de Leste, já desde o século IX, portanto, antes mesmo da consolidação da polis como forma principal de organização social e política, muitos assentamentos buscavam expandir-se fora de seus limites territoriais estritos por meio de

fundações de ‘colônias’ ou de postos avançados (por vezes denominados como *frúria*); ‘colônias’ ou assentamentos que por sua vez fundavam novos assentamentos (colônias de segundo grau) sempre buscando o controle da paisagem, das rotas terrestres, fluviais ou marítimas. Na mesma perspectiva de controle do território e da paisagem, não raro, povoados indígenas inteiros passavam a exercer funções de *frúria* na medida em que entravam em contato e aliança (voluntária ou não) com os ‘colonos’ gregos. (Estudo de caso 1) Prática detectável tanto em áreas da expansão grega no Ocidente quanto na Grécia de Leste. Focia e Mileto, por exemplo, expandiram-se ao norte do Egeu e ao Mar Negro; outro exemplo bem conhecido é o de Corinto que entrou pelo Mar Adriático fundando novos assentamentos; a ação de calcídicos no Ocidente é igualmente notada nas fundações e/ou ocupações territoriais no estreito entre os Mares Jônio e Tirreno (Zancle) bem como na Península Itálica na altura da Campânia (Pithecussae, Cuma, por exemplo). (Boardman, 1964 e Treziny, 2010) Prática também detectável entre os fenícios que em sua expansão no Mediterrâneo assentaram-se em muitas rotas e pontos estratégicos, a começar pela própria Cartago na atual Tunísia fundada já no século IX a.C. Todas estas fundações assemelham-se como marcações de territórios e de áreas de influência, promovendo o contato entre a diversidade de grupos populacionais característica do Mediterrâneo Antigo.

Assim, podemos considerar que os gregos em sua movimentação no Mediterrâneo faziam parte de uma rede que incluía muitos outros grupos populacionais que se encontravam, boa parte das vezes, em estágios de desenvolvimento social ou tecnológico muito semelhante a eles próprios. Ao chegar ao Ocidente, por exemplo, não estavam chegando a um mundo completamente novo e/ou diferente para eles. (Nenci, 1983) Com efeito, os gregos já conviviam com populações não gregas por séculos, já circulavam com os fenícios de leste a oeste, participando de rotas de contato e de circulação de artefatos por todo o Mediterrâneo desde a Idade do Bronze.

A documentação arqueológica em associação com documentos escritos que falam em ‘tratados’ e/ou ‘alianças’ entre os que se consideravam helenos e outros povos abre espaço para a identificação de laços de solidariedade entre as várias elites que atuavam no Mediterrâneo no final da Idade do Bronze e início da Idade do Ferro. E este é um outro ponto que informa a nossa

pesquisa.<sup>10</sup> No caso do Ocidente grego é notada, particularmente, a ocorrência de sepulturas femininas ricamente guarnecidas com adornos indígenas, em escavações de necrópoles totalmente gregas. (Sobre Siracusa, Florenzano, 2017) Fato relevante que indica contato e eventualmente laços de solidariedade entre elites, colocando como hipótese, inclusive, a realização de casamentos mistos. (Estudo de caso 2 e 4)

Outro *tópos* do contato grego / indígena no Mediterrâneo, refere-se à questão da sujeição e/ou escravização de populações não gregas. A pergunta que se coloca é, em sua ânsia por dominação territorial, quanto de gente, concretamente, os gregos tinham para proceder a uma ocupação efetiva? Índícios fragmentários nas fontes escritas podem ser interpretados como adoção de formas de sujeição de indígenas por gregos. É o caso das menções aos *kyllirioi* em Siracusa e às várias menções de fundações de apoikias baseadas na violência contra os indígenas, como na memória escrita da fundação de Lócris Epizefirii. (D'Ercole, 2012, pp.57-59; Guzzo, 2011, pp. 271-273) Em artigo nas *Atas de Cortona*, o historiador italiano Mauro Moggi, analisa a frequência relevante com que são empregados, nos relatos das fundações de apoikias, os verbos que implicam violência e/ou expulsão de indígenas de suas terras. (Moggi, 1983, pp. 979-1002; D'Ercole, 2012, p.62) Também para os assentamentos gregos do Mar Negro, há hipóteses sobre a sujeição de indígenas para a produção intensiva do trigo (Carter, 2004) Assim, se podemos entender a existência de alianças políticas entre elites gregas e indígenas, estabelecimento de negociações, casamentos mistos, adoção de traços culturais de um lado e de outro, devem ser também registrados, os episódios de violência e de sujeição e/ou escravização de grupos humanos nas formas de contato. (D'Ercole, 2012, pp. 56-66; Morel, 2005)

Pelo acima exposto, e pela delimitação dos objetivos dos quatro estudos de caso, fica claro a pertinência da temática da definição de fronteira que indicamos no título deste projeto de pesquisa. Tema este que perseguimos em nosso Laboratório há algum tempo, seja relacionada à questão da instalação de muralhas cercando a *ásty*, o núcleo urbano da cidade grega antiga, seja, mais recentemente, em relação às dimensões e limites da *khóra* das cidades, do território. (especificamente Florenzano 2016 e 2017, Kormikiari *et alii*, 2011)

---

<sup>10</sup> A *Ilíada* e a *Odisseia* são testemunhos desses contatos e dessa reciprocidade entre elites no Mediterrâneo. Evidentemente não há espaço aqui para o aprofundamento do tema.

Este projeto pretende ser mais uma contribuição no sentido de melhor pontuar a natureza mesma da antiga cidade grega na busca do estabelecimento de fronteiras identitárias, físicas ou não e no seu relacionamento com o território e com outras populações no Mediterrâneo antigo.

Não ignoramos o fato de que nos quatro estudos de caso apresentados teremos que levar em conta que, ainda que hajam elementos materiais que nos permitam identificar o que é grego e o que não é, ou o que é específico de um local ou região e o que é próprio de outra região, nem sempre essa linha é fácil de traçar. Considere-se igualmente que no período indicado o contato foi por vezes contínuo, por vezes descontinuado e que a materialidade, as coisas, podem ter passado por modificações paulatinas e/ou resignificadas. Para dar um exemplo muito simples, indico o debate (para o Ocidente grego) existente sobre as formas de assentamento e de construção: se um pequeno assentamento na hinterlândia apresenta vestígios de ruas dispostas ortogonalmente, edifícios quadrangulares e paredes feitas com pedras quadradas, é ele necessariamente grego? Esse tipo de urbanismo é traço necessariamente introduzido por gregos no Ocidente mediterrânico e indica, sem discussão, níveis de “helenização” como tradicionalmente vem sendo considerado?

Por estas razões, a noção de hibridismo em determinados contextos pode igualmente nos auxiliar a melhor compreender o contexto articulados da documentação material em estudo. A noção de hibridismo ou hibridização (cf. Kormikiari, 2015) assume a mistura das diferenças e semelhanças que ligam as pessoas tanto a *backgrounds* coloniais como indígenas, sem que estas pessoas se identifiquem totalmente com um ou outro destes *backgrounds*. Trata-se de conceito que tem ganho muitos adeptos no ambiente científico de áreas da Arqueologia e da História Antiga, em uma salutar reanálise de concepções estanques como “culturas puras”, aculturação e identidades únicas. “Hibridismo cultural” seria o efeito da ambivalência produzida dentro das leis de reconhecimento de discursos dominantes à medida que estes articulam os sinais de diferença cultural. Ao acatarem normas e padrões coloniais, e, ao mesmo tempo, ao se manterem ligadas a certas percepções indígenas, as pessoas desenvolvem novas normas culturais e “inventam” novas tradições, próprias a cada situação colonial (Bhabha, 1994, pp.64-68).

Considere-se igualmente que

nem sempre a chegada de uma população nova em um local implica em mudança na cultura material e, por outro lado, inovações na cultura material podem também ser atribuídas a respostas internas a estímulos sociais e ambientais, à chegada de indivíduos habilidosos, à transmissão de expertises tecnológicas ou até à invenção independente. (Hall, 2002, p. 43)

C. Ulf, guiado pela necessidade de sistematizar os dados materiais diante da questão do contato, em artigo de 2009 sobre *Rethinking cultural contacts*, chama justamente a atenção (como Hall acima) para o fato de que a análise do contato fica viciada se fizermos valer a pressuposição de estarmos diante de parceiros de contato (culturas) bem definidos, entidades autocontidas, culturas estáveis. (2009, p.82) Diferentemente de outros textos que discutem e/ou criticam os vários conceitos empregados para melhor apreender o contato e suas consequências, o texto de Ulf, vai além do debate teórico e é propositivo no sentido de operacionalização de uma metodologia. Apresenta um quadro em que produtores de traços, transmissores e receptores se mesclam com as necessidades econômicas, sociais, culturais e simbólicas da transmissão e este todo se sobrepõe ao espaço também categorizado em zonas de contato aberto, zonas de contato intenso, *middle ground* e assim por diante. Ulf parte do princípio que o espaço não é apenas físico mas socialmente construído (Bourdieu). Trata-se de proposta interessante, metodologicamente operacional, que poderá vir a ser testada a partir do levantamento mais rigoroso da documentação no decorrer da pesquisa de nossos estudos de caso.

Entendemos que o desafio na abordagem da questão do contato por meio do documento material é grande mas acreditamos que o debate merece ser travado e que os caminhos disponíveis podem conduzir a conclusões importantes que mostrem os modos como as identidades foram construídas no Mediterrâneo e apontem vias interpretativas sobre o dinamismo dessas sociedades antigas na resolução dos problemas que se colocavam.

Por último, entendemos que não se pode deixar de lado, no contexto deste estudo, o diálogo permanente que se há de travar com a documentação escrita. São muitas as referências, por vezes completas e por outras fragmentárias, que falam desta movimentação de populações gregas no Mediterrâneo desde o final da Idade do Ferro passando pelo grande movimento de

expansão grega a partir do século VIII a.C. e continuando em época helenística e romana. Com efeito, poucas delas são contemporâneas aos eventos, um ou outro fragmento de poesia arcaica, uma ou outra inscrição epigráfica. Mas, há relatos consistentes a partir do final do século VI a.C. como aqueles encontrados em Heródoto, Tucídides, Aristóteles, Platão, Timeu (via Políbio) e outros que ainda vieram depois. Fontes inesgotáveis de dados, ainda que bem posteriores, são os textos de Políbio, Diodoro Sículo, Estrabão, Pausânias, Jerônimo, Eusébio para mencionar os mais conhecidos. Felizmente, a maioria destes textos já foi alvo da crítica interna e externa, o que permite uma aproximação mais segura aos dados que eles nos oferecem.

No quesito da fundamentação científica e da metodologia, remetemos igualmente aos projetos anteriores que animaram o Laboratório de estudos sobre a cidade antiga desde 2006, disponíveis em [www.labeca.mae.usp.br](http://www.labeca.mae.usp.br).

#### IV. Cronograma das atividades

	2º.Sem 2018	1º.Sem 2019	2º.Sem 2019	2º.Sem 2020
Seminários internos do Labeca: pontuação dos avanços da pesquisa e discussão de textos	X		X	X
Simpósio Internacional: organização e realização		X		
Viagens de campo para os estudos de caso	X		X	
Participação em eventos	X		X	
Redação dos resultados finais				X

#### V. Banco de Dados.

O Labeca, Laboratório de estudos sobre a cidade antiga –USP, ao qual este projeto está vinculado, mantém desde 2007 um Banco de Dados (Nausitoo) que incorpora os resultados das várias pesquisas realizadas no Laboratório, no âmbito dos dois projetos temáticos/Fapesp anteriores. Banco de dados estruturado a partir de metodologia própria em uma linha de pesquisa de Arqueologia Visual que se beneficiou de muitos conceitos trabalhados pelas Humanidades Digitais. Hoje, este Banco de Dados reúne cerca de 12 mil imagens articuladas e descritas tematicamente que, de um lado, foram recuperadas graças às pesquisas realizadas no Labeca e, de outro, continuam servindo a pesquisadores que trabalham com a Antiguidade

grega. Espera-se que com este projeto o nosso Banco de Dados ganhe novo fôlego e possa ser atualizado de acordo com novas tecnologias. ([www.labeca.mae.usp.br](http://www.labeca.mae.usp.br))

**VI. Referências Bibliográficas: N.B.: arrolamos aqui apenas os títulos aos quais inserimos referências no presente projeto. O levantamento bibliográfico completo para cada Estudo de caso é volumoso e os limites de um projeto de pesquisa não permitem a sua inserção.**

AAVV **Confini e frontiera nella Grecità d'Occidente**. Atti del 37<sup>o</sup>. Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto 3-8 ott, 1996. Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia. Taranto, 1999.

AAVV **Ibridazione e integrazione in Magna Grecia. Forme modelli dinamiche** Atti del 54<sup>o</sup>. Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto 29 sett-3 ott 2014. Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia. Taranto, 2017.

ABERSON, M. *et alii* **Entre Archéologie et Histoire: Dialogues sur divers peuples de l'Italie pré romaine**. Berlim, Peter Lang, 2016.

BHABHA, H. K. **The Location of Culture**. Londres/Nova Iorque, Routledge, 1994.

BOARDMAN, J. **The Greeks overseas**. Londres, The Penguin Books, 1964.

BOARDMAN, J. The Excavated History of Al Mina. **Ancient Greeks West and East**, ed. G. Tsetschladze, Leiden/Boston, 1999.

BOILEAU, M-C.; D'Agata, A. L.; Whitley, J. Pottery Production in Iron Age Crete viewed in the Context of Regional and External Trade Networks: a Ceramic Petrology Perspective. Roma 2008. **International Congress of Classical Archaeology. Meetings between cultures in the Ancient Mediterranean**. Bollettino Di Archeologia On Line. Volume Speciale B / B3 / 4. 2010, p. 28-36.

BOUFFIER, S. **Les diaspores grecques. Du détroit de Gibraltar à l'Indus**. Paris, SEDES, 2012.

CARTER, J. **The study of Ancient Territories: Chersonesos and Metaponto**. Austin, Institute of Classical Archaeology, The University of Texas at Austin, 2004.

COLDSTREAM, J.N. **Geometric Greece**, London, 1977.

CORDIANO, G. **Tra Rhegion e Lokroi Epizephyron. Un quindicennio di ricerche topografico-archeologiche tra Palizzi e Capo Bruzzano**. Pisa, Ed. ETS, 2014

COSTAMAGNA, L. Il territorio di Reggio: problemi di topografia. **ACMG**, 26, 1986, pp. 475-512.

\_\_\_ e SABBIONE, C. **Una città in Magna Grecia: Locri Epizefirii**. Reggio di Calabria, 1990.

D'ERCOLE, M.C. **Histoires Méditerranéennes. Aspects de la colonization grecque de l'Occident à la mer Noire (sécs. VIII-IV av. J.C.)**. Paris, Errance, 2012.

- DIETLER, M. Consumption, cultural frontiers, and identity: anthropological approaches to Greek colonial encounters. **Confini e frontiera nella greccità d'Occidente**. Atti de 37<sup>o</sup>. Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto, 1999, pp.475-501.
- DONNELAN, L. *et alii* (eds.) **Conceptualizing early Greek colonization**. Roma, Inst. Histórico Belga de Roma, 2016.
- EABY 2007 EABY, M. 2007. **Mortuary Variability in Early Iron Age Cretan Burials**, Ph.D. diss., University of North Carolina at Chapel Hill.
- FARISELLI A. Cultura punica 'di frontiera'. Alcune testimonianze da Cozzo Scavo (CL), **Ocnus**, Quaderni della Scuola di Specializzazione in Archeologia, vol.5, 1997b, pp. 9-32.
- FLORENZANO, M.B.B. Cidade e território na Grécia Antiga. In: A.B. Tacla; N.M. Mendes; A. C. Cerqueira Lima. (Org.). **Uma trajetória na Grécia Antiga, Homenagem a Neyde Theml**. Rio de Janeiro, Apicuri, 2011: 237-261.
- \_\_\_\_\_ A organização da *khóra* na Sicília grega sul-oriental: Siracusa diante de sua hinterlândia (733 -598 a.C.) Pelotas, **Cadernos Leparq**, 2017 (prelo)
- \_\_\_\_\_ Definindo a pólis grega: o papel das fronteiras na integração do espaço políade. Em M.B. Florenzano (org.) **Khoríon. Cidade e Território na Grécia Antiga**. 2017. (prelo)
- \_\_\_\_\_ Contribuição das colônias ocidentais na construção da identidade políade: subsídios do uso e da organização do espaço. Em: Idem e Elaine Hirata **Estudos sobre a cidade antiga**. São Paulo, Edusp, 2009, pp.93-108.
- GRAS, M.; GRECO, E.; GUZZO, P.G. **Nel cuore del Mediterraneo antico**. Corigliano Calabro, Meridiana Libri, 2000.
- GRECO, E. (ed.) **Gli achei e l'identità etnica degli achei d'Occidente**. Tekmeria 3, 2002.
- GRECO, E. **Magna Grecia**. Bari, Guide Archeologiche Laterza, 1981.
- GRECO, E. Dalla Grecia alla Italia: Movimenti Antichi, tradizioni e qualche revisionismo recenti. Em Settis, S. e Parra, M.C. **Magna Graecia. Archeologia di un sapere**. Milano, Electa e Univ. degli Studi Magna Grecia di Catanzaro, 2005, pp. 59-63.
- GUZZO, P.G. **Fondazione Greche. L'Italia meridionale e la Sicilia (VIII e VII a.C.)**. Roma, Carocci ed. , 2011
- HALL, J. **Hellenicity: between ethnicity and culture**. The University of Chicago Press, 2002.
- HANSEN, M.H. **An inventory of Archaic and Classical Polis**. Oxford, 2004.
- HODOS, T. Local responses to colonization in the Iron Age Mediterranean. Londres, 2006.
- HOFFMANN, K.P.; ATTULA, R. Funerary Spatial Concepts and Spatial Practices in South-eastern Sicily during the Eighth to Fifth centuries BCE. 2017, pp. 249-272
- <https://researchgate.net/publication/316418818>. Acessado em 28/10/2016
- KORMIKIARI, M.C.N. *et alii* O estudo das fronteiras no mundo antigo: o caso grego. Em: Kormikiari, M. C.; Hirata, E. V.; Aldrovandi, C. E.. (Org.). **Estudos sobre o espaço na Antiguidade**. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2011:125-156.



- KORMIKIARI, M. C. N. Moedas púnicas em coleções brasileiras: iconografia e circulação. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Universidade de São Paulo, 1995.
- KORMIKIARI, M. C. N. Expansão fenício-púnica no Mediterrâneo central e ocidental: realidades próximas e distintas. *Phoînix*, vol.21, n.1, 2015, pp. 86-101.
- LEMOS, I. 'The Lefkandi Connection: Networking in the Aegean and the Eastern Mediterranean' in L. Bonfante and V. Karageorghis (eds.) **Italy and Cyprus in Antiquity: 1500-450 BC**. Proceedings of an International Symposium held at the Italian Academy for Advanced Studies in America at Columbia University, November 16-18, 2000. Nicosia: Severis Foundation, 2001, pp. 215-226.
- MALKIN, I. Networks and the emergence of Greek Identity. **Mediterranean Historical Review**, 18/2, 2004, pp. 56-74.
- MALKIN, I., **A Small Greek World**. Oxford University Press, 2011.
- MALKIN, I. et *alii* (eds.) **Greek and Roman Networks in the Mediterranean**. Routledge, 2009.
- MALKIN, I. (ed.) **Mediterranean Paradigms and Classical Antiquity**. Londres, Routledge, 2005.
- MALKIN, I. Greek Colonisation: the Right to Return. Em: Donnelan (acima), 2016, pp. 27-26.
- MERCURI, L. **Eubeens en Calabre à l'époque archaïque. Formes de contacts et d'implantation**. Ec. Française de Rome, BEFAR, 321, 2004.
- MOGGI, M. L'elemento indigeno nella tradizione letteraria sulle *ktiseis*. In: **Modes de Contacts et Processus de transformation dans les sociétés Anciennes**. Actes du Colloque de Cortone (24-30 mai 1981) . Roma-Pisa, Escola Francesa de Roma e Escola Normal Superior, 1983, pp. 979-1002.
- MOREL, J.P. Grecs et indigènes en Grande Grèce: co-existence et rapports de force. Em D. Kacharava et *alii* (eds.) **Autour de la mer noire. Hommage à Otar Lordkipanizé**. Presses Universitaires Franc – Comtoises, 2002. 2005????
- MORRIS, I. Archaeology and Archaic Greek History in Fischer, N. e Van Wees, H. **Archaic Greece: New approaches and New Evidences**. London , Duckworth Press, 1998, pp.1-91.
- NENCI, G. e CATALDI, S. Strumenti e procedure nei rapporti tra greci e indigeni. In: **Modes de Contacts et Processus de transformation dans les sociétés Anciennes**. Actes du Colloque de Cortone (24-30 mai 1981). Roma-Pisa, Escola Francesa de Roma e Escola Normal Superior, 1983. Pp. 581-60
- PELAGATTI, P.; GABBA, E.; VALLET, G. Necropoli e riti. EM E.Gabba, E. e Vallet, G. (eds.) – **La Sicilia antica**, I, 2, .Nápoles, Societá Editrice Storia di Napoli e della Sicilia, 1980, pp. 357-396.
- POPHAM, M.R. 'Precolonisation: Early Greek Contacts with the East' in G. R. Tsetskhladze and F. De Angelis (eds.), **The Archaeology of Greek Colonisation, Essays dedicated to Sir John Boardman**, 1994, pp. 11-34
- OLIVEIRA, J. P. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Mana**, 4:1,1998.

- SAID, E. **Orientalismo: oriente como invenção do ocidente**. São Paulo, Companhia do Bolso, 2015 (1978).
- SNODGRASS, A. Interaction by design: the Greek city state. Em RENFREW C. e CHERRY, J. **Peer Polity Interaction and social-political change**, Cambridge University Press, 1986a: 47-58.
- TREZINY, H. (org.) **Greco et indigènes de la Catalogne à la Mer Noire**. Centre Camille Julien, Ed. Errance, 2010.
- ULF, C. Rethinking cultural contacts. **AWE**, 8, 2009, pp. 81-132.
- VALLET, G. **Rhégion et Zancle. Histoire, commerce et civilisation des cités chalculiennes du détroit de Messine**. Paris, De Boccard, BEFAR, 189, 1958.
- VAN DOMMELEN, P.; KNAPP, A.B. **Material Connections in the Ancient Mediterranean: Mobility, Materiality and Identity**. Routledge, 2010.
- VAN DOMMELEN, P. "Ambiguous Matters: Colonialism and Local Identities in Punic Sardinia". In: C. L. Lyons; J. K. Papadopoulos (eds.) **The Archaeology of Colonialism**. Los Angeles: Getty Publications, 2002, pp. 121-50
- VAN DOMMELEN, P.; KNAPP, A. B. (eds.), **Material connections in the ancient Mediterranean: mobility, materiality and Mediterranean identities**. Oxon/ New York, Routledge, 2010.
- \_\_\_\_\_ "Colonialism and Migration in the Ancient Mediterranean". **Annual Review of Anthropology**, vol.41, 2012, pp. 393-409.
- VOSKOS, I. e KNAPP. B. "Cyprus at the end of the late Bronze Age: Crisis and Colonization or Continuity and Hybridization?". **American Journal of Archaeology**, vol.112, 2008, pp.659-84.
- VAN DOMMELEN, Peter. **Mobility & Migration**. Routledge, 2014.
- WALSH, J. ST. P. – "Urbanism and Identity at Classical Morgantina" **MAAR Memoirs American Academy Rome** 56/57,2011-2012:115-136.